REVISTA BRASILEIRA DE TECNOLOGIA AGROPECUÁRIA

http://revistas.fw.uri.br/index.php/rbdta ISSN 2527-0613

A DIVERSIDADE REGIONAL DO DESENVOLVIMENTO RURAL NO NORDESTE: A *MERCANTILIZAÇÃO* E A ESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA DA REDE XIQUE XIQUE (RN)

The regional diversity of rural development in the Northeast region: the *mercantilization* and economic structuring of the Xique Xique network

Emanoel Márcio Nunes[1], Andreya Raquel Medeiros de França[2], Jéssica Samara Soares de Lima[3], Ionara Jane de Araújo[4], Lilian de Medeiros Silva[5]

[1] Professor e pesquisador do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN, email: emanoelnunes@uern.br;
[2] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS;
[3] Professora no Centro de Estudos Avançados de Pós-Graduação e Extensão (CEAPE), Mossoró, RN;
[4] Professora na UERN, Mossoró, RN;
[5] Aluna do curso de Ciências Econômicas da UERN, Mossoró, RN.

Resumo: O objetivo é destacar a diversificação da agricultura familiar de dinâmicas regionais, a partir da experiência da Rede Xique Xique (RN), especialmente quanto às estratégias de obtenção e utilização dos recursos por parte dos agricultores familiares. A metodologia consistiu na análise comparativa utilizando dados primários de uma pesquisa de campo realizada com 280 famílias de agricultores familiares vinculados a Rede Xique Xique, no Rio Grande do Norte. A hipótese é a de que a dinâmica que escolheu a lógica exógena utilizando mais recursos externos se caracterizou como de elevada mercantilização e estilos de agricultura especializados e dependentes. E a que escolheu o afastamento gradual do mercado preferindo a lógica endógena com o maior uso de recursos internos se configurou, no tempo, mais autônoma e menos vulnerável. Concluindo, buscou-se aqui analisar quais os caminhos trilhados pelos agricultores familiares no interior da Rede Xique Xique, se mais pelo caminho da especialização e dependência, ou mais pelo caminho da diversificação e autonomia relativa.

Palavras-chave: desenvolvimento regional, diversidade, agricultura familiar.

Abstract: The objective is to highlight the diversification of family farming from regional dynamics, based on the experience of the Xique Xique Network, especially with regard to strategies for obtaining and using resources by family farmers. The methodology consisted of the comparative analysis using primary data from a field survey carried out with 280 families of family farmers linked to the Xique Xique Network in Rio Grande do Norte. The hypothesis is that the dynamics that chose the exogenous logic using resources that are more external were characterized as high commodification and specialized and dependent agriculture styles. And the one that chose the gradual withdrawal from the market, preferring the endogenous logic to the greater use of internal resources, became, in time, more autonomous and less vulnerable. In conclusion, we sought to analyze the paths taken by family farmers within the Xique Xique Network, whether through the path of specialization and dependence, or more in the way of diversification and relative autonomy.

Keywords: regional development, diversity, familiar agriculture.

Recebido em: 22-01-2017
Aceito em: 12-08-2017

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas quatro décadas dois caminhos têm se destacado como pontos de intensas discussões sobre estratégias de desenvolvimento que visam reduzir a desigualdade e gerar oportunidades e condições mais dignas a pessoas de regiões rurais brasileiras. E o caminho predominante sempre foi o direcionado para a lógica exógena e especializada via expansão de setores econômicos de alto potencial, de rápida incorporação e elevado consumo de insumos externos. Este caminho consolidou a forte *crença* na noção de progresso difundida pela modernização agrícola que prevaleceu quase que exclusiva alimentada por políticas regionais, especialmente para o Nordeste até bem recente.

A partir desta *crença,* ou concepção, a existência de uma agricultura tradicional, considerada atrasada e de baixo potencial por defensores da modernização, sugeria a sua substituição por uma agricultura dinâmica e moderna. Entretanto, o caminho pelo modelo agrícola *moderno* tem sido questionado devido a não corresponder quanto ao retorno social e econômico, por gerar descontinuidades, além de seus danos ao meio ambiente que destrói parte da diversidade regional. O outro caminho, o qual se baseia numa perspectiva de continuidade, a defesa é a de que o desenvolvimento deverá ocorrer pela transformação e valorização das atividades *tradicionais*. Por este caminho leva-se em conta a cultura dos atores no nível local, acreditando na sua capacidade de realizar escolhas e poder decidir com mais autonomia seus destinos e participar da construção do desenvolvimento.

A escolha por este segundo caminho exige dos atores inovações sociais de longo prazo nos níveis local, regional e global, devido à necessidade de mudanças no formato institucional que estimulem a alteração na base técnica e econômica da agricultura familiar. É a partir deste segundo caminho que o presente trabalho busca direcionar a análise e interpretação da estrutura de produção econômica numa região como a Nordeste, utilizando a experiência da Rede Xique Xique[1] de Produção Agroecológica e Comercialização Solidária, nos dez municípios em que atua no Rio Grande do Norte.

Assim, a questão central é: como agricultores familiares de dinâmicas regionais do Nordeste, neste caso os da Rede Xique Xique, no Rio Grande do Norte, realizam escolhas e utilizam seus recursos se aproximando ou se afastando da modernização? A hipótese é a de que a dinâmica que escolher o caminho da especialização se tornará cada vez mais mercantilizada pelo elevado uso de insumos externos, alta dependência e vulnerabilidade. Por outro lado a que escolher o caminho da diversificação se configurará, no tempo, mais endógena, mais autônoma e menos vulnerável. E é esse movimento de mais ou menos especialização ou diversificação que constrói a diferenciação do desenvolvimento rural.

O objetivo deste trabalho é trazer, a partir da experiência da Rede Xique Xique, argumentos sobre o reconhecimento da mercantilização enquanto amplo processo econômico e social que produz e reforça a diversificação da agricultura, por meio dos diferentes *estilos de agricultura,* e torna o meio rural espaço dinâmico onde a agricultura é apenas mais uma das múltiplas atividades nele desenvolvidas. Assim, apoiamo-nos na perspectiva dos *estilos de agricultura* para demonstrar a vasta gama de situações vividas pela agricultura familiar em ambientes que se constituem mais ou menos mercantilizados.

O presente trabalho se insere na discussão sobre a agricultura familiar e a mercantilização, discussão esta que tem sido realizada especialmente no âmbito da economia institucional e da sociologia rural. Para essa discussão, as principais contribuições vêm de autores como North, Williansom, Coase e Saccomandi que ajudam a focalizar o lado institucional da análise da mercantilização e dos estilos de agricultura; e a perspectiva de Marsden e van der Ploeg que sustenta a coexistência de modelos, ou *dinâmicas* de desenvolvimento a partir da *mercantilização* e dos *estilos de agricultura*.

2 DESENVOLVIMENTO RURAL: A MERCANTILIZAÇÃO E OS ESTILOS DE AGRICULTURA

Baseando-se na interação entre tecnologia e mercados, a qual Ploeg (1994) utiliza em suas análises sobre a mercantilização e os estilos de agricultura, as definições e ferramentas da Nova Economia Institucional, NEI, ajudam a explicar a

[1] A Rede XIQUE XIQUE surgiu inspirada na experiência da Rede ECOVIDA da região Sul do Brasil, e teve sua estruturação e organização social e econômica, de forma indireta, a partir de 1999 por iniciativa de um grupo mulheres que passou a produzir hortas orgânicas no Projeto de Assentamento Mulunguzinho, no município de Mossoró (RN). A sua estruturação direta se deu cinco anos depois, no ano de 2004, com a criação do Espaço de Comercialização Solidária na cidade de Mossoró. A sua estrutura principal é constituída por cerca de sessenta grupos produtivos distribuídos em 12 (doze) núcleos (ou municípios), do estado do Rio Grande do Norte.

diversificação do desenvolvimento a partir de diferentes padrões presentes na agricultura de países e regiões subdesenvolvidas. Nesses países, segundo Eaton e Meijerink (2007), o círculo vicioso do subdesenvolvimento é resultado de altos custos de transação e riscos em mercados de insumos externos, de força de trabalho contratada e de crédito. E o Estado com seus modelos exógenos de modernização agrícola, que adotam os fundamentos da economia neoclássica, têm contribuído para isso, pois o seu caráter determinista e centralizado não considera riscos, nem custos de transação. Para Eaton e Meijerink (2007), estes custos e riscos surgem da pouca densidade de transações, bem como do deficiente e pouco confiável arranjo institucional. Neste sentido, de acordo com Nunes e Schneider (2012), os arranjos institucionais, incluem diferentes formas organizacionais (cooperativas, empresas, Universidades, unidades familiares de produção, etc.), representam estruturas normativas das relações entre indivíduos. Essas estruturas são fundamentais para conduzir atividades econômicas, e devem ser, segundo Ploeg (1994), construídas "de baixo", do nível local, visando aumentar a margem de manobra do agricultor familiar, os níveis de confiança e reduzir a incerteza, o que aqui interligamos ao debate acerca da mercantilização e dos estilos de agricultura.

O debate em torno da definição do termo *mercantilização* tem origem, segundo o termo *commoditization* de Long et al. (1986), na tentativa de Marx em explicar o processo em que mercadorias de valor de uso se transformam em bens com valor de troca, e a evolução e generalização das trocas passam a exigir uma produção de caráter mercantil e, consequentemente, a alteração das relações de produção e consumo. É necessário lembrar que na definição em Marx, a mercantilização representa um processo amplo de mudança econômica e social direcionada para relações de trabalho na indústria. Entretanto, autores contemporâneos têm realizado importantes ajustes analíticos no sentido de melhor explicar esta estratégia no âmbito da agricultura e do meio rural, mesmo não necessariamente utilizando a abordagem marxista. Neste sentido, partindo da perspectiva institucional, a mercantilização na agricultura familiar ocorre, como define Saccomandi (1998), quando a sua estruturação é construída com um distanciamento gradual de mercados[2] monopolistas, este colocado por Saccomandi (1998) na perspectiva institucional como necessário para um funcionamento mais adequado no nível micro. Para Saccomandi (1998), esse distanciamento é o resultado de escolhas individuais realizadas a partir do dilema de Coase (1937): "fazer ou comprar?" (*make* or *buy?*). Considerando o ambiente da agricultura familiar, conforme apontam Nunes e Schneider (2012), é a partir das escolhas dos agricultores de *fazer* internamente ou *comprar* de fora que são engendrados projetos locais e padrões diferentes de desenvolvimento rural. E esses padrões, se mais endógenos e autônomos, ou mais exógenos e dependentes, passam a revelar a combinação de Ploeg (1994) quanto ao uso de recursos internos e externos, o que define os graus de mercantilização e os estilos de agricultura.

Na concepção de Marsden (1991) a mercantilização representa encadeamentos para trás e para frente e não são unilineares, pois se desenrolam em diferentes direções e podem ser ativamente acelerados e/ou retardados. Dessa forma, acredita-se que a realidade econômica e social das formas familiares permanecia sempre em constante mudança exigindo, de acordo com Buttel (1994), uma renovação do debate teórico no que diz respeito ao entendimento de aspectos intrínsecos às unidades familiares, como autonomia e a dependência. A isto merece destaque a contribuição de Ploeg (1994) sobre os estilos de agricultura (*styles of farming)*[3]. Para Ploeg (1993) que parte da lógica chayanoviana, a mercantilização diz respeito tanto à externalização dos processos de produção, antes limitados ao interior da unidade produtiva, como a entrada de indivíduos do grupo familiar em mercados não-agrícolas e outras estratégias de diversificação com autonomia relativa. Na relação mercados e tecnologia, considerando o ambiente da agricultura familiar, para Ploeg (1994) a mercantilização é expressa em graus e explica os "estilos de agricultura", se mais endógenos e autônomos (os que escolhem *fazer* internamente), ou mais exógenos e dependentes (os que escolhem *comprar* de fora).

[2] Segundo Saccomandi (1998), na agricultura familiar surgem experiências que constroem trajetórias na perspectiva da modernização agrícola, com elevados graus de mercantilização e forte aproximação do mercado monopolista; e outras engendram trajetórias a partir do desenvolvimento endógeno, com menores graus de mercantilização e com certo distanciamento do mercado monopolista. Assim, as primeiras tendem a levar os agricultores familiares a um grau maior de dependência, e as segundas proporcionam uma relativa autonomia através do distanciamento gradual dos mercados nocivos, ou seja, os monopólios.

[3] Para este autor, o estilo de agricultura (*styles of farming)* é um complexo, ou seja, um conjunto integrado de noções, normas, conhecimentos, experiências, etc., apreendido por um grupo de agricultores em uma região especifica, e que descreve o modo com que a *práxis* da agricultura é levada adiante. Estes resultam de uma tipologização das formas familiares de agricultura operacionalizada com base em variáveis que expressam situações de maior ou menor diversificação, neste caso de práticas agrícolas e de estratégias.

O debate em torno da definição de estilos de agricultura é muitas vezes atribuído a um resultado analítico desenvolvido por Long e Ploeg (1989) direcionado para a perspectiva orientada ao ator. Para estes autores, os estilos de agricultura surgem como unidades analíticas devido às deficiências e à incapacidade das teorias da modernização em explicar os diversos padrões de desenvolvimento rural. Na análise da perspectiva nacional-desenvolvimentista dos anos 1950, por exemplo, as abordagens funcional-estruturalistas da modernização eram deterministas "de cima" e ignoravam a capacidade coletiva dos atores no nível micro, e sempre trataram o debate a partir do nível macro utilizando termos como *integração* e *submissão* e *autonomia* e *dependência*. Dessa forma, para Long e Ploeg (1995) em ambas abordagens jamais houve espaço para destacar a capacidade de espaço de manobra dos atores para reações a partir de respostas coletivas e com relativa autonomia, como formar cooperativas, por exemplo. A partir disso, para definir estilos de agricultura Ploeg (1994) procura associá-los aos termos de autonomia e dependência.

Para Ploeg (1994), os estilos de agricultura podem ser definidos de vários pontos de vista, e sua definição original foi desenvolvida ainda em 1946 por Hofstee a partir de seu estudo "The Causes of Diversity in Dutch Agriculture", tornando-se uma importante unidade analítica em estudos para compreender a diversidade da agricultura na Europa. E, reservando as devidas proporções, essa unidade analítica ajuda a compreender os graus de mercantilização da agricultura nos diferentes núcleos da Rede Xique Xique. Na noção de Hofstee, segundo Ploeg (1994), os estilos de agricultura estiveram sempre articulados ao seu caráter diversificado e tradicional pelas dimensões da cultura e da localidade.

A noção de *estilos de agricultura* de Ploeg (1994) se sustenta em três dimensões. A primeira se refere ao *repertório cultural*, ou seja, o marco normativo (institucional) constituído pelo conjunto de conhecimentos utilizados nas práticas e organização internas da unidade produtiva (produção e consumo), e representa a natureza do trabalho desenvolvido. A diversificação que emerge das práticas agrícolas cotidianas revela o resultado das diferentes escolhas e estratégias dos agricultores, sua racionalidade e o acesso aos recursos internos e externos. A segunda dimensão, conforme Ploeg e Saccomandi (1995), se refere à natureza multifacetada da *mercantilização* e da inserção institucional para a análise das relações dos atores com mercados, entidades, etc., fora e além da unidade de produção. Segundo Ploeg e Saccomandi (1995), esta dimensão é importante na moldagem das formas de organização da produção e do trabalho, e das estratégias das famílias. E a terceira dimensão, tratada mais especificamente neste artigo, representa a capacidade da família para reordenar suas inserções e interações sociais e econômicas, sob o processo multifacetado de mercantilização, considerando combinações internas na alocação dos recursos e da força de trabalho em atividades não-agrícolas.

De acordo com Ploeg (1994) os estilos de agricultura (*styles of farming*) representam diferentes práticas internas à propriedade que emergem como uma tentativa de *reconexão,* ou uma estratégia de localização como destaca Buttel (1994), em resposta ao avanço da lógica capitalista que gera *desconexões*, desajusta localidades e destrói (bem mais em regiões menos favorecidas) seus mecanismos sociais de regulação. Para Ploeg (1994), os estilos de agricultura reconstroem estes mecanismos de regulação e envolvem um caminho específico de organização da unidade produtiva caracterizado pelo desenvolvimento endógeno em relações de produção reproduzidas no tempo. Esta perspectiva dá importância às interações entre os diversos atores e instituições permitindo, conforme Saccomandi (1998), uma compreensão das diferentes escolhas e respostas locais a uma determinada realidade, direcionando a uma análise das estratégias "de baixo" que fazem com que a produção rural permaneça diversificada. O fundamental é ter claro que a constituição de um estilo de agricultura é o resultado de articulações entre o núcleo familiar interno à unidade de produção e o externo (os mercados agora globalizados), desconsiderando-se qualquer situação de total autonomia ou dependência de uma esfera em relação à outra. A ênfase no desenvolvimento endógeno, em um ambiente de globalização e onde é importante o papel da tecnologia e do mercado (os processos de mercantilização e os estilos de agricultura), faz com que Ploeg (1994) reflita o papel das instituições.

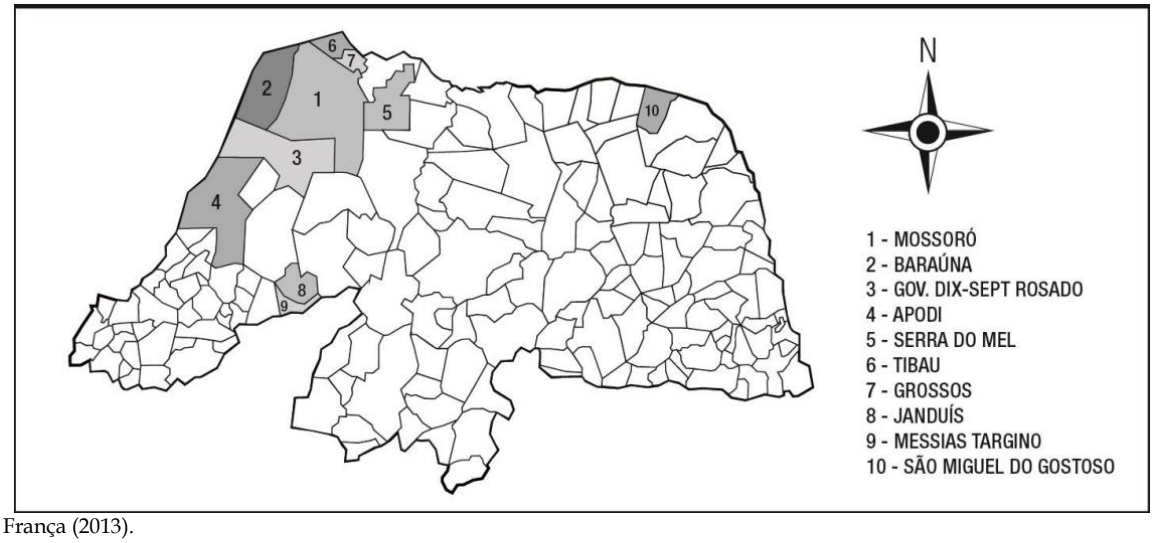
Combinando a perspectiva institucional, Ploeg e Saccomandi (1995) apontam que, caso não haja um arranjo institucional capaz de regular os processos intensos de mercantilização, a tendência é a emergência de dinâmicas econômicas distintas e diversificadas, a exemplo dos núcleos da Rede Xique Xique, conforme Nunes et al. (2012), num espaço com desenvolvimento cada vez mais desigual. Por isso, a afirmação de que é através dos processos produtivos particulares que os diferentes estilos de agricultura são reproduzidos, e esses são estratégias por parte dos atores locais. E essas estratégias se fundamentam na defesa de uma lógica de desenvolvimento rural norteada pela transição de

um modelo exógeno e especializado, para um modelo capaz de valorizar a diversificação e a heterogeneidade a partir de dinâmicas endógenas regionais. Com isso, são necessários sistemas de regulação que auxiliem os agricultores familiares nas suas estratégias quanto à escolha de *fazer* ou *comprar,* considerando suas articulações para a construção da estrutura de produção e do desenvolvimento rural. Assim, do ponto de vista institucional analisaremos os diferentes núcleos (municípios) da Rede Xique Xique na perspectiva da mercantilização e dos estilos de agricultura, considerando as escolhas dos agricultores e a forma como cada núcleo utilizou seus recursos e definiu, no tempo, seus padrões técnicos.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Quanto à localização, a pesquisa foi realizada na área de abrangência da Rede Xique Xique, esta constituída por dez núcleos (municípios) do Rio Grande do Norte, a saber: Mossoró, Baraúna, Serra do Mel, Grossos e Tibau, Governador Dix-Sept Rosado, Apodi, Janduís e Messias Targino e São Miguel do Gostoso, conforme figura 1.

Figura 1 - Mapa do Rio Grande do Norte e a localização dos núcleos da Rede Xique Xique, 2013.



Fonte: França (2013).

Em cada núcleo foram realizadas visitas para a realização da pesquisa em diversas comunidades rurais. No total foram realizadas 280 entrevistas nos dez núcleos, que representam o universo geral da Rede Xique Xique. Abaixo, conforme descrito na tabela 1, está cada núcleo com o respectivo número de comunidades e o número de entrevistados:
Para Marconi e Lakatos (2010) todas as ciências se caracterizam pela utilização de métodos científicos, sendo definido pelos autores como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo. O método utilizado nesta pesquisa foi o *Estudo do Caso* e a unidade de análise foi a *unidade familiar de produção*. Ainda de acordo com eles, o estudo de caso "constitui etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos". Há estudo de caso quando envolve um estudo que se permita um amplo detalhado conhecimento (SILVA, 2004).

Tabela 1 - Distribuição das comunidades e entrevistados por núcleo, Rede Xique Xique, 2013.

Núcleo	Nº comunidades	Nº entrevistados
Apodi	25	175
Baraúna	1	8
Governador Dix-Sept Rosado	4	9
Grossos	3	10
Janduís	7	13
Messias Targino	5	9
Mossoró	4	11
Serra do Mel	4	17
São Miguel do Gostoso	6	21
Tibau	4	7
TOTAL	**63**	**280**

Fonte: elaborado pelos autores, 2011.

A pesquisa utilizou como instrumento o formulário, e Marconi e Lakatos (2010) relatam que é na coleta de dados que acontece a observação mais

precisa, e quanto ao instrumento de coleta o formulário é caracterizado por ser um roteiro que faz com precisão a ligação entre o entrevistador e o entrevistado. O formulário encontra-se com perguntas estruturadas e semiestruturadas, ou seja, abertas e fechadas e foram adaptados para atender ao propósito desta pesquisa, o qual se resume nos blocos de variáveis, conforme quadro 1.

Quadro 1 - Eixos norteadores da Pesquisa

1. A unidade doméstica – a família e seus componentes: a) Idade, sexo, escolaridade; **2. A estrutura fundiária (a terra), o capital e o trabalho disponível:** a) Forma de obtenção da terra – mecanismos de herança e transferência do patrimônio; b) Área disponível (SAU); c) Capital disponível: máquinas, equipamentos, implementos, etc; d) Benfeitorias: apenas citar quais são; e) Arrendamento, parceria, etc; f) Trabalho dentro da propriedade e trabalho fora; g) Tipo de atividade exercida pelos membros; h) Contratação de trabalho temporário e/ou assalariado; **3. A estrutura produtiva – o trabalho e o processo de produção:** a) Cálculo dos diferentes tipos de trabalhos dos membros da família; b) Produção vegetal, animal (área ocupada X tipo de atividade); c) Horta e pomar; d) Cálculo do consumo de bens intermediários, etc – cálculo das despesas, financiamentos; e) Contratação de serviços: empreitadas, serviços de máquina, etc; f) Destino da produção: venda, autoconsumo, etc.; **4. O valor gerado – rendas agrícolas e não-agrícolas:** a) VA, VBP, VLP, etc; b) Renda agrícola, renda não-agrícola e outras fontes; c) Transformação artesanal da produção agrícola – agregação de valor;	a) Forma de uso das rendas agrícolas, não-agrícolas e de aposentadorias; b) Investimentos (casa, carro, viagens, estudo dos filhos, etc); c) Poupança; **5. O espaço local considerando as dimensões econômica, social, e ambiental – as características do território e os mercados de produtos, insumos, práticas ambientais conservacionistas e de trabalho:** a) Acesso aos mercados de produtos e de trabalho; b) Formas de comercialização, formas de pagamento da produção vendida; c) Infraestrutura local; d) Realização de práticas agroecológicas e manejo sustentável dos recursos naturais na produção agrícola; **6. Aspectos organizacionais, sociais e políticos que afetam a agricultura familiar e o desenvolvimento local – o capital social:** a) Participação política dos agricultores em associações, cooperativas, grupos e unidades familiares; b) Sindicalismo; c) Acesso ao crédito: PRONAF, prefeitura, etc.; d) Acesso aos meios de comunicação; **7. As políticas públicas e o papel do Estado:** a) Acesso a assistência técnica; b) PRONAF, PAA, PNAE, etc.; c) Previdência social; d) O papel da prefeitura (fundos rotativos, etc).

Fonte: Manual interno do projeto AFDLP (2003), adaptado para o projeto: A construção de mercados para a Agricultura Familiar: processos e práticas da produção agroecológica e comercialização solidária da Rede Xique Xique, 2009.

A partir da elaboração deste bloco de sete eixos de questões fundamentais foi elaborado o formulário estruturado, redigido com perguntas que contemplaram as variáveis acima mencionadas. As variáveis utilizadas para este artigo foram: o bloco 2 e o item b, o bloco 3 e o item d e, o bloco 6 e o 7, e o item a.

A pesquisa que resultou nos dados obtidos para análise neste artigo foi oriunda das ações do projeto: "A Construção de Mercados para a Agricultura Familiar: processos e práticas da produção agroecológica e de comercialização solidária da Rede Xique-Xique". O universo da pesquisa consistiu no Censo, que é a totalidade de toda a população, neste caso todos os integrantes da Rede Xique Xique. Na pesquisa foram aplicados 280 formulários junto a unidades familiares de 63 comunidades rurais visando identificar práticas e processos construídos no dia a dia (ano agrícola de 2010), de maio de 2011 a fevereiro de 2012 em todos os núcleos da Rede Xique Xique.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A diversidade regional do desenvolvimento rural numa perspectiva comparada. Para analisar a diferenciação da agricultura familiar da Rede Xique

Xique partiremos da perspectiva institucional para explicar os níveis de desenvolvimento rural a partir dos graus de mercantilização e dos estilos de agricultura, estes últimos se mais ou menos especializados e dependentes, ou autônomos e diversificados. Para isso procuramos utilizar as informações obtidas na pesquisa de campo, na dinâmica, o ano agrícola de 2010.

4.1 A utilização dos recursos: a terra e o financiamento

Um dos principais pontos do debate acerca do desenvolvimento rural diz respeito à forma como o agricultor familiar realiza suas combinações na relação entre tecnologia e mercados, e constrói padrões que definem caminhos através da mercantilização e dos estilos de agricultura. Isso considerando a disponibilidade dos recursos locais, e as estratégias elaboradas mediante escolhas individuais, conforme Saccomandi (1998), se afastando do mercado, *fazendo* internamente, ou se aproximando do mercado e preferindo *comprar* de fora. Quanto ao uso dos recursos, a propriedade da terra e sua utilização são fundamentais, onde muitas dinâmicas apresentam semelhanças e diferenças. Das dinâmicas da Rede Xique Xique, Baraúna, Governador, Messias Targino, Mossoró, Serra do Mel, Tibau mostram semelhanças no cálculo da média, da área total e da superfície agrícola útil (SAU), e diferenças com o máximo de Apodi, Janduís, São Miguel do Gostoso e Grossos.

A relação entre tecnologia e mercado nas combinações realizadas pelos agricultores familiares em suas práticas cotidianas constroem diferentes *estilos de agricultura* e influenciam no desempenho da estrutura produtiva da Rede Xique Xique. Esta observação chama a atenção para a análise da média e do máximo da área total e da superfície agrícola útil (SAU), e como mostram os números da tabela 2, revelam diferentes *estilos de agricultura* praticados nos vários núcleos da Rede Xique Xique.

Na verdade, esses resultados representam uma demonstração das escolhas e estratégias dos agricultores familiares da Rede Xique Xique, estas baseadas no repertório cultural local. A utilização da área é uma demonstração de como os agricultores familiares realizam combinações se ajustando à estrutura existente e aos recursos disponíveis. No entanto, isso expressa como o conhecimento, seja através de técnicas tradicionais, modernas, ou ambas, é utilizado nas práticas diárias. Nos dez municípios (núcleos) estudados, a pesquisa constatou a presença de uma diversidade econômica resultado de técnicas específicas em cada dinâmica, as quais definem graus de mercantilização em diferentes e específicos estilos de agricultura.

Em alguns núcleos da Rede Xique Xique, a tecnologia utilizada e as formas de financiamento se tornaram características e definiram cada estilo de agricultura, levando a uma baixa ou elevada mercantilização e a estilos de agricultura mais especializados ou mais diversificados. Do ponto de vista institucional, definido por Saccomandi (1998), o qual faz referência ao dilema de Coase (1937), essa escolha pode levar as dinâmicas a se aproximar ou se afastar do mercado, e *comprar* de fora ou inovar e *fazer* internamente.

Tabela 2 - Média e máximo da área total (em ha), e da superfície agrícola útil (SAU em ha) por município.

Município	Área total	SAU
APODI		
Média	6,51	0,90
Máximo	55,00	35,01
BARAÚNA		
Média	5,00	4,00
Máximo	15,00	12,00
GOV. D. S. ROSADO		
Média	13,30	3,00
Máximo	18,50	7,00
JANDUÍS		
Média	15,00	0,84
Máximo	305,00	4,50
MESSIAS TARGINO		
Média	2,53	1,50
Máximo	182,50	7,00
MOSSORÓ		
Média	20,00	3,00
Máximo	37,01	15,00
SERRA DO MEL		
Média	27,50	6,00
Máximo	50,030	40,00
S. M. DO GOSTOSO		
Média	12,33	2,00
Máximo	28,93	9,00
TIBAU		
Média	11,51	4,00
Máximo	21,50	9,01
GROSSOS		
Média	0,00	0,00
Máximo	2,50	2,50

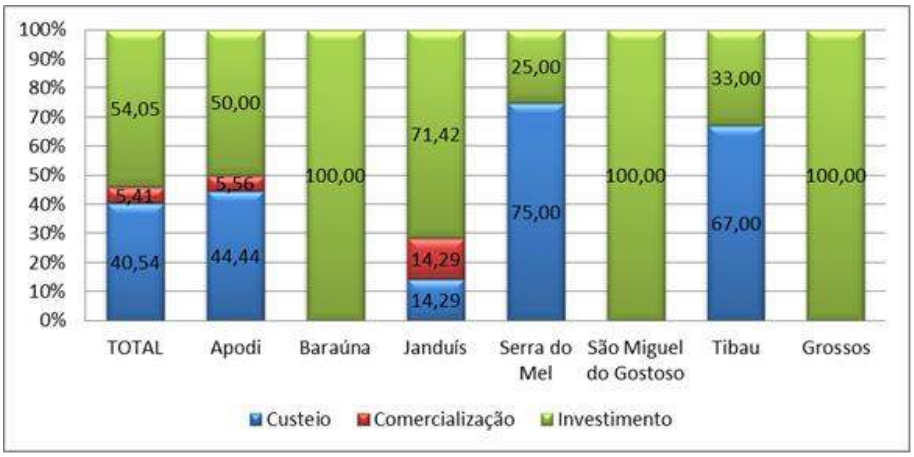
Fonte: Pesquisa de Campo, 2011. Elaboração dos autores.

Os núcleos que buscaram empreender práticas mais endógenas a partir de técnicas tradicionais, mesmo que de baixo custo, mantiveram uma importante base de recursos, base esta em que o

agricultor familiar constrói uma forma parcial de mercantilização em um estilo de agricultura mais relativamente autônomo. Para esse caminho, o Estado tem redirecionado sua política agrícola, especialmente o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e, mais recentemente, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), visando estimular condições para que forças endógenas possam emergir e se desenvolver através das escolhas dos agricultores familiares no nível local e regional.

Com relação ao destino de recursos financeiros no âmbito da Rede Xique Xique, a pesquisa mostra uma desigualdade regional na proporção do destino do crédito distribuído entre os núcleos. Como mostra os dados da pesquisa, os recursos para a modalidade custeio foram destinados mais para os núcleos de Baraúna, Janduís, Grossos e São Miguel do Gostoso. Já os recursos para a modalidade investimento foram destinados mais para os núcleos de Apodi, Serra do Mel e Tibau, conforme mostra a figura 2.

Figura 2 - Finalidade do financiamento para a agricultura familiar em 2010.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2011. Elaborado pelos autores.

Esta distribuição revela cada vez mais a definição dos núcleos de maior capacidade na obtenção do recurso de custeio, este destinado à geração de riqueza nova onde já existe estrutura de produção econômica e de organização, e os núcleos de significativa carência em estrutura de produção econômica e de organização coletiva para processar recursos de custeio sendo, consequentemente, os que necessitam de mais investimento. A finalidade do financiamento identificado na pesquisa nos núcleos da Rede Xique Xique supõe a maturidade e a fragilidade da economia de cada dinâmica, além da capacidade coletiva, presença e prática de uma instituição fundamental para o desenvolvimento: a cooperação.

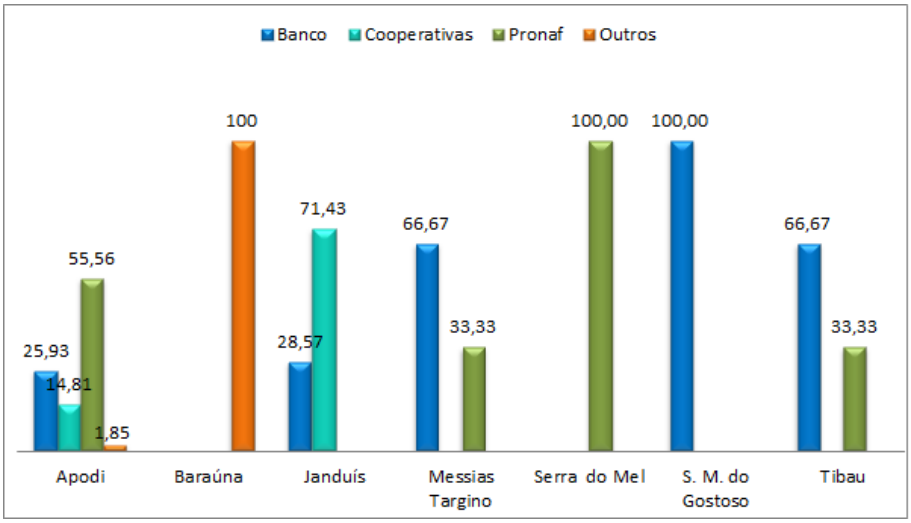
Em Serra do Mel e Tibau os recursos destinados ao custeio superaram os de investimento, além de Apodi que se configurou bem dividido, sendo esses três núcleos caracterizados pela existência de uma importante base de recursos e capacidade de organização coletiva, ao contrário dos demais. Núcleos, como Baraúna, são municípios ainda em construção, onde assentamentos de reforma agrária e o relacionamento entre agricultores familiares e empresas na produção de frutas irrigadas para a exportação têm limitado a organização coletiva, e absorvido mais recurso com fins de investimento.

A maturidade ou fragilidade de cada dinâmica podem representar a presença ou ausência de estrutura de produção econômica e organização coletiva quando consideradas as principais fontes de financiamento acessadas e identificadas pela pesquisa. Como mostra o Figura 3, dos núcleos da Rede Xique Xique, Serra do Mel e Apodi foram os que mais acessaram o PRONAF, sendo seguidos pelo acesso a bancos por São Miguel do Gostoso, Messias Targino e Tibau, a Cooperativas por Janduís, e a outras fontes por Baraúna.

Como identificou a pesquisa, o núcleo de Apodi foi o único dos dez núcleos da Rede Xique Xique que acessou as quatro fontes de financiamento estudadas. Esse resultado sugere que Apodi é o núcleo que possui elementos mais "favoráveis", ou seja, estrutura de produção econômica e organização coletiva, para obter o desempenho revelado. Quanto ao financiamento via cooperativas e outras fontes, acessado mais pelos núcleos de Janduís e Baraúna, no primeiro foi devido ao fato do presidente da Cooperativa de Crédito Solidário da Agricultura

Familiar do oeste Potiguar (***CREDIOESTE-SOL***)[4], com sede em Apodi, ser um sindicalista de Janduís e ter agido no sentido de estimular agricultores deste município a realizar operações na Cooperativa. E, no segundo, foi devido à alta inadimplência dos agricultores nos bancos, levando-os a buscar fontes informais, a exemplo da tomada de adiantamento no comércio regional de Mossoró-RN.

Figura 3 - Principais fontes de financiamento da agricultura familiar em 2010.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2011. Elaboração dos autores.

Analisando do ponto de vista da perspectiva institucional, no nível local a disponibilidade de recursos e o ambiente social não se constituem uma unidade orgânica, e os recursos são controlados e as práticas monitoradas por atores externos não diretamente envolvidos na produção. Com essa decisão, o agricultor familiar se submete a uma realidade econômica de dependência de estruturas de mercado desiguais, como monopólios ou monopsônios, lhe atribuindo maior vulnerabilidade externa.

As formas de utilização dos recursos financeiros tende a refletir diretamente no desempenho de cada dinâmica e definir, sobretudo, as combinações feitas considerando a relação entre tecnologias e mercados no desenrolar dos processos de desenvolvimento rural. E o que determina as principais combinações em cada dinâmica regional é a relação entre o conhecimento e natureza, e a forma como intervenções externas são mediadas pelos arranjos institucionais no nível local. Essas combinações são as responsáveis pelos registros e eventos que acontecem ao longo do tempo, e que contribuem para que a agricultura se transforme, se *metamorfoseando* e dando vida e sentido à trajetória de cada dinâmica da Rede Xique Xique. Dessa forma, processos de produção agrícola revelam graus diferenciados de modernização, ou seja, em posições particulares da relação tempo-espaço a produção torna-se artificial (mercantilização), enquanto em outras posições (diversificação) ela é baseada, se não exclusivamente, no capital natural. Assim, a infraestrutura pode ser extensiva ou limitada, sendo controlada por atores diretamente envolvidos ou submetida ao controle externo. E nesse contexto, os movimentos de aproximação ou distanciamento com os mercados variam em proporção semelhante, e dependem de como são combinados os recursos de tecnologia e de acompanhamento técnico.

4.2 A utilização dos recursos: tecnologia, infraestrutura e a assistência técnica

Numa tentativa de caracterizar a condição camponesa, ou da agricultura familiar para efeito deste estudo, Ploeg (2008) coloca que o agricultor familiar está apto a produzir níveis crescentes de

[4] A Cooperativa de Crédito Solidário da Agricultura Familiar do oeste Potiguar (CREDIOESTE-SOL), constitui-se em Assembleia Geral no dia 09 de maio de 2006 como a primeira cooperativa de crédito rural de responsabilidade limitada do Rio Grande do Norte. Esta se rege pelo disposto nas leis de nº 4.595, de 31.12.64, e de nº 5.764, de 16.12.71, nos atos normativos baixados pelo Conselho Monetário Nacional e pelo Banco Central do Brasil. Segundo seu Estatuto Social, tem sede, administrativa e Foro Jurídico no Município de Apodi (RN), e sua área de atuação é composta de 17 municípios (Apodi, Campo Grande, Janduís, Governador Dix-Sept Rosado, Itaú, Messias Targino, Upanema, Felipe Guerra, Caraúbas, Severiano Melo, Paraú e Triunfo Potiguar, Olho D'Agua dos Borges, Patu, Rafael Godeiro, Rodolfo Fernandes e Umarizal, todos no Rio Grande do Norte).

valor adicionado, ou valor agregado. E é o foco no valor adicionado o que distingue o modo familiar de produção de outros modos[5]. O modo familiar, segundo Ploeg (2008), é constituído por *agricultores livres*[6] e a base de recursos (infraestrutura) não se separa de elementos opostos, a exemplo do capital e do trabalho, ou do trabalho mental e manual. Neste, os recursos disponíveis representam uma unidade orgânica e são controlados pelos atores diretamente envolvidos, e, quanto ao ambiente institucional, a regulação é derivada do repertório cultural. Nesse ambiente é destacada a centralidade no trabalho familiar, onde sua intensidade deverá considerar a quantidade e a qualidade.

Uma forte defesa de Ploeg (2008), e que se adequa a este estudo, é a de que a essa centralidade no trabalho familiar deverá associar-se três elementos: 1) a natureza das tecnologias aplicadas, as quais deverão ser orientadas no sentido contrário às das exógenas; 2) uma importância especial à intensificação e investimento no trabalho familiar, este visando níveis crescentes de qualidade; e 3) a produção de novidades tecnológicas que surgem com as necessidades de ajuste no processo de produção, onde é atribuído papel importante ao acompanhamento técnico. Considerando a tecnologia na associação entre estes três pontos, é no processo de mudança que ela se apresenta como um elemento importante afetando o funcionamento da economia local e sendo a responsável pela alteração nas estruturas tanto no âmbito interno como externo da unidade de produção.

Quanto ao uso de tecnologias por parte das dinâmicas da Rede Xique Xique, a pesquisa revelou semelhanças quanto à presença de modelos, porém com diferenças no desenvolvimento de processos, o que pode ser resultado da cada vez mais eficiente combinação entre a utilização dos recursos e o acompanhamento técnico. Na Rede Xique Xique, o acesso a financiamentos e a serviços de acompanhamento técnico encontram-se intimamente relacionados com o padrão tecnológico adotado, e se mostram indispensáveis tanto para construir a estrutura produtiva e introduzir técnicas sustentáveis de irrigação, como para estimular a inovação endógena, ou seja, interna às unidades produtivas.

A pesquisa revelou uma relativa fragilidade da Rede Xique Xique quando visto à luz das práticas desenvolvidas pelos agricultores familiares e os instrumentos necessários para a sustentação dessas práticas. Conforme mostra a tabela 3, são poucas as unidades produtivas que os agricultores afirmaram praticar a irrigação em seus cultivos, prática essencial no sertão do Nordeste, e foram muitos os que responderam não ter recebido acompanhamento técnico nem contraído financiamento. Considerando a relação entre estes três pontos, dos dez núcleos, apenas metade deles (Apodi, Janduís, Messias Targino, São Miguel do Gostoso e Tibau) expressaram números mais significativos na combinação do uso da irrigação com a assistência técnica e financiamento no ano agrícola de 2010.

Como o financiamento encontra-se naturalmente vinculado às ações de acompanhamento técnico, e este último às práticas agrícolas (tecnologia adotada), a pesquisa revela, em certa medida, uma carência de mecanismos importantes para auxiliar e potenciar os diferentes *estilos de agricultura* da Rede Xique Xique. A deficiência nestes três pontos destacados acima sugere, por consequência, a possibilidade de também haver certa deficiência na estrutura de produção econômica, pois são estes pontos, combinados com a estrutura de produção, o que constitui a *base de recursos*, esta indispensável para ampliar o *espaço de manobra* dos agricultores familiares e dotar estes de mais autonomia e maior capacidade para gerar riqueza por meio do segmento da agricultura familiar.

A *base de recursos* é, ao longo do tempo, formada e aperfeiçoada pelos agricultores familiares e define os graus de mercantilização e os diferentes *estilos de agricultura* dos núcleos a partir do padrão técnico adotado, seja este constituído por tecnologias modernas e obtidas externamente, produzidas no interior da propriedade ou através da combinação das duas situações. No âmbito da Rede Xique Xique, as práticas da agricultura sustentável são engendradas nas unidades familiares de produção e o padrão técnico adotado pelos agricultores é caracterizado pela sua estrutura de produção, esta formada pelas benfeitorias e instalações rurais (bens imóveis) e pelas máquinas e equipamentos (bens móveis).

De acordo com a pesquisa, a estrutura de benfeitorias e instalações mostra-se por tipo

[5] Para Ploeg (2008), o modo de produção empresarial, por exemplo, está orientado mais para a tomar recursos dos outros e drenar para fora da região o valor adicionado produzido por outros, do que para produzir valor adicionado com os recursos disponíveis. Dessa forma, o modo de produção capitalista se concentra única e exclusivamente na geração de lucro, através da busca constante pela eficiência econômica, implicando numa redução do valor adicionado total.

[6] Agricultor livre é aquele que desenvolve sua atividade econômica com relativa autonomia e que combina natureza e cultura numa lógica de desenvolvimento endógeno, e suas relações com o mercado são ancoradas mais em formas de organização (a exemplo de Cooperativas e Associações), do que na lógica subordinada e determinada pela relação capital *versus* trabalho. Para a utilização deste termo nos fundamentamos em estudos como os de van der Ploeg (2003, 2008).

presente nos núcleos da Rede Xique Xique revelando uma significativa pulverização (com exceção da concentração de Apodi), apesar de mostrar certa diversificação quando se associa às características da estrutura com as atividades mais destacadas, como na tabela 4.

Tabela 3 - Práticas de irrigação, assistência técnica e financiamento em 2010.

Município		Pratica irrigação	Teve assistência técnica	Financiamento
		%	%	%
Apodi	não	79,4	54,3	67,4
	sim	20,6	45,7	32,6
Baraúna	não	100,0	12,5	87,5
	sim	-	87,5	12,5
Governador Dix Sept Rosado	não	100,0	55,6	100,0
	sim	-	44,4	-
Janduís	não	84,6	23,1	53,8'
	sim	15,4	76,9	46,2
Messias Targino	não	77,8	11,1	66,7
	sim	22,2	88,9	33,3
Mossoró	não	90,9	27,3	100,0
	sim	9,1	72,7	-
Serra do Mel	não	94,1	58,8	82,4
	sim	5,9	41,2	17,6
São Miguel do Gostoso	não	61,9	23,8	95,2
	sim	38,1	76,2	4,8
Tibau	não	85,7	-	42,9
	sim	14,3	100,0	57,1
Grossos	não	100,0	20,0	90,0
	sim	-	80,0	10,0

Fonte: Pesquisa de campo, 2012. Elaborado pelos autores

Tabela 4 - Benfeitorias e instalações rurais até 20 e 50 anos, respectivamente.

Município/ Benfeitorias	APD	BRN	GDSR	JDS	MTG	MRO	SML	SMG	TBU	GRS	Total
Açudes	12	-	1	6	4	-	-	-	-	-	21
Aviários	14	-	1	1	2	-	-	2	1	-	21
Casas de empregados	16	-	-	-	-	-	-	2	-	1	19
Curral	77	2	4	15	4	5	2	5	2	-	116
Colméias	2.274	58	35	33	16	283	372	66	1	-	3.138
Cocheiras	121	4	-	7	-	1	1	-	-	-	134
Galpão/armazéns	34	-	-	6	2	2	2	1	-	-	47
Pocilgas	66	4	3	7	7	4	2	5	4	2	104
Poço artesiano	62	2	2	1	-	1	-	5	2	-	75
Secador leito fixo	3	-	-	-	-	-	-	1	-	-	4
Cisterna de placa	65	8	11	13	6	6	1	19	4	4	137
Cisterna convencional	17	-	-	3	-	2	14	4	1	1	42
Outros	28	8	-	7	1	-	-	-	1	-	45

Fonte: Pesquisa de campo, 2012. Elaborado pelos autores.

Nota-se pela tabela acima uma presença marcante em todos os núcleos de colmeias, principalmente em Apodi, Mossoró e Serra do Mel, de currais para bovinos em Apodi, Janduís e São Miguel do Gostoso, pocilgas em Apodi, Janduís e Messias Targino, e a presença de cisternas de placas especialmente em Apodi, Governador Dix-Sept Rosado, Janduís e São Miguel do Gostoso. No

entanto, no geral, a pesquisa mostrou que os núcleos da Rede Xique Xique mais estruturados com benfeitorias e instalações rurais são os de Apodi, Janduís Messias Targino, Mossoró, Serra do Mel e São Miguel do Gostoso. Por outro lado, os de estrutura com a situação mais precária são os núcleos de Baraúna, Governador Dix-Sept Rosado, Tibau e Grossos.

Quanto à estrutura de máquinas e equipamentos, a pesquisa mostrou que a base técnica da Rede Xique Xique ainda é pouco diversificada, e está distante de ser vista como moderna. Durante a pesquisa de campo foram observados poucos agricultores bem estruturados que utilizam tratores, motores elétricos e outras máquinas e equipamentos ditos modernos, uma quantidade significativa em situação intermediária e uma maioria ainda praticando técnicas utilizando instrumentos tradicionais e de baixo custo, a exemplo da enxada, da carroça de boi ou de cavalo, e da capinadeira tração animal. Da mesma forma que ocorre com as benfeitorias e instalações, há uma concentração da presença de estrutura de máquinas e equipamentos em Apodi, e uma pulverização nos demais núcleos.

Os equipamentos mais tradicionais encontrados na Rede Xique Xique durante a pesquisa foram a capinadeira tração animal, o pulverizador costal manual, a carroça de boi ou de cavalo com 109, 112 e 96 unidades, respectivamente, e os ditos mais modernos foram o freezer, a bomba d´água, o fumigador e o motor elétrico com 92, 73, 71 e 62 unidades, respectivamente, conforme mostra a tabela 5. Assim como na identificação das benfeitorias e instalações rurais, a pesquisa mostrou que os núcleos da Rede Xique Xique mais estruturados com máquinas e equipamentos agrícolas são Apodi, Janduís Messias Targino, Mossoró, Serra do Mel e São Miguel do Gostoso. E os núcleos que apresentaram situação mais precária foram Baraúna, Governador Dix-Sept Rosado, Tibau e Grossos.

Tabela 5 - Máquinas e equipamentos com idade até 15 e 20 anos, respectivamente.

Município/ Máquinas e Equipamentos	APD	BRN	GDSR	JDS	MTG	MRO	SML	SMG	TBU	GRS	Total
Caminhão/ útilitário	12	1	-	4	1	3	3	2	-	-	26
Trator > 8 hp	19	1	1	-	-	1	1	-	-	-	23
Trator < 8 hp	12	1	-	-	-	1	1	1	-	-	16
Arado tração mecânica	12	1	-	-	-	-	-	-	-	-	13
Carpinadeira tração animal	75	5	7	4	2	4	3	8	1	-	109
Grade tração mecânica	21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21
Semeadora tração mecânica	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14
Semeadora tração animal	15	-	-	-	-	-	1	-	-	-	16
Carreta agrícola	11	-	-	-	-	-	1	1	-	-	13
Pulverizador tracionado	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12
Pulverizador costal manual	77	8	1	6	3	4	5	7	1	-	112
Motor elétrico	45	-	2	3	9	1	2	-	-	-	62
Bomba d'água	42	2	1	3	5	6	6	3	4	1	73
Debulhador mec. de cereais	11	1	-	-	-	1	-	-	-	-	13
Carroça	51	4	4	10	1	2	7	11	4	2	96
Motoforrageira	33	1	4	6	5	1	2	2	1	-	55
Máquina corte de castanha	10	-	-	-	-	1	4	-	-	-	15
Fumigador	54	2	1	2	1	3	4	4	-	-	71
Centrífuga	19	1	1	1	1	1	3	1	-	-	28
Máquina de sache	3	-	-	-	-	1	1	-	-	-	5
Seladora	2	-	-	3	-	1	4	2	3	2	35
Despolpadeira	10	-	-	3	-	1	2	1	-	-	17
Liquidificador industrial	9	-	-	5	-	1	3	1	2	1	22
Fogão industrial	4	-	-	1	-	-	-	3	1	1	10
Freezer	47	-	1	14	2	7	10	4	3	4	92
Outros	116	1	-	10	2	-	21	8	24	12	194

Fonte: Pesquisa de campo, 2012. Elaborado pelos autores.

A dinâmica da agricultura familiar é engendrada no interior das propriedades familiares, as quais estão ligadas à Rede Xique Xique tanto individualmente como formando grupos produtivos, associações e Cooperativas. Uma das bases de sustentação que orienta os agricultores

familiares, e que esta pesquisa foi capaz de reforçar, é a *crença* na operacionalização de sistemas de cultivo livres de insumos externos (agroquímicos), visando associar a produção agroecológica ao consumo solidário de produtos mais saudáveis e livres de qualquer tipo de agrotóxico. Dos dez núcleos pesquisados e analisados, Apodi se destaca pela sua diversificação econômica, organização coletiva, e número de propriedades familiares que pratica a agricultura se afastando gradualmente dos mercados[7] utilizando padrões (ou graus de mercantilização) de base agroecológica.

Na verdade, a escolha de se afastar gradualmente da dependência do mercado por parte dos agricultores familiares da Rede Xique Xique, consistiu na introdução de mudanças tecnológicas diversificadas e endógenas no longo prazo, capazes de fazer com que o excedente gerado localmente não fosse totalmente drenado para setores de fora, como ocorre nos modelos especializados e exógenos. Além disso, possibilitou que os resultados da atividade se convertessem internamente em investimentos na própria estrutura de produção, e reforçasse a base produtiva na busca de maiores rendimentos para os agricultores familiares. Nas formas de utilização dos recursos, os movimentos de aproximação com os mercados tendem a variar na mesma proporção dos graus de mercantilização, assim como de produção material e reprodução social, a coprodução.

Considerando a variabilidade nas dinâmicas econômicas da Rede Xique Xique (a partir dos seus núcleos), é de se considerar nesses movimentos de aproximação ou distanciamento dos mercados o importante papel da utilização do trabalho familiar. De acordo com van der Ploeg (2008), o qual defende mais uso do trabalho familiar (*labour-driven intensification*), essa intensificação implica em um constante acréscimo na produção, devido a um maior rendimento por objeto de trabalho. Do ponto de vista técnico, esse rendimento aumenta com o uso crescente de insumos e fatores de produção por objeto de trabalho, ou eficiência técnica melhorada[8]. Neste sentido, *a chave para rendimentos crescentes é a quantidade e a qualidade de trabalho* (VAN DER PLOEG, 2008, p. 45).

Uma característica da agricultura familiar é o seu fortalecimento ocorrer com a intensificação do trabalho. No entanto, isso a partir das ações no nível micro baseadas na organização coletiva e no acesso a mercados, porém levando em conta a necessidade de preservar a liberdade e a autonomia dos agricultores, conforme a contribuição de Chayanov (1974).[9] A perspectiva de uma agricultura familiar relativamente contrária, mas por outro lado compatível com o mercado e a acumulação capitalista definida por Chayanov (1974), possui uma contribuição expressiva. O principal ponto de incompatibilidade encontra-se especialmente no fato de que em algumas dinâmicas a modernização tem sido difundida de tal maneira que a combinação do que é produzido para comer com o que se produz para vender, pouco depende do número de membros nas famílias ou da sua capacidade de trabalho. No entanto, para Ploeg (2008), é a condição de *agricultor familiar livre* que se coloca como elemento indispensável e fundamental para a intensificação do trabalho e, consequentemente, do desenvolvimento rural. É claro que uma defesa neste sentido não se encontra alinhada com os que defendem a agricultura à luz da modernização e do intenso trabalho assalariado (de elevados graus de mercantilização), pois a maioria deles sempre desprezou a cultura do agricultor e a agricultura familiar.

Nesse sentido, numa comparação entre as dinâmicas da Rede Xique Xique, nota-se que a diferenciação entre elas acontece naturalmente e quase que exclusivamente pelas combinações em modelos que escolheram a aproximação ou afastamento do mercado. E esses movimentos acontecem através das no uso dos recursos disponíveis localmente, de eventuais tecnologias externas e das relações de trabalho em modelos mais especializados e exógenos, ou da intensificação do trabalho familiar em práticas mais endógenos e sustentáveis. Neste sentido, considerando a experiência de diversificação da agricultura familiar da Rede Xique Xique, todos os seus núcleos se mostram cada vez mais compatíveis com a estratégia

[7] A constituição de bancos de sementes, a constituição de uma rede de consumidores solidários, a presença em mercados locais, a gestão participativa e a adoção de um padrão técnico que vem possibilitando um processo de transição de sistemas convencionais para sistemas agroecológicos de produção, foram os principais fatores identificados na pesquisa que se caracterizaram motivadores das mudanças internas na Rede Xique Xique.

[8] De acordo com van der Ploeg (2008), seria através do investimento no trabalho familiar (a exemplo da construção de sistemas de irrigação), e o tempo gasto muitas vezes no melhoramento dos recursos (criando animais mais produtivos através de seleção, ou obtendo melhores variedades de plantas), ambos a base de recursos e o processo de produção tendem a ser cada vez mais melhorados. Dessa forma, mais rendimentos resultarão em maiores ganhos, os quais, por sua vez, irão compensar a quantidade de trabalho acrescentado.

[9] Com base na clássica contribuição do economista russo Alexander Chayanov, o ciclo demográfico no cotidiano do agricultor é o principal responsável pela regulação de uma considerável parte das dinâmicas das unidades de produção familiar. Segundo ele, é através do balanço interno entre produção e consumo que é atribuído à variável demográfica o papel central sobre a reprodução individual e familiar no meio rural.

de intensificação do trabalho familiar definida por Ploeg (2008) de *labour-driven intensification*[10].

Este interessante tipo de utilização do trabalho dá forma a um ciclo onde a qualidade do trabalho é aprimorada, constituindo um ambiente em que se faz necessária a presença dos serviços de acompanhamento técnico intenso e continuado. No Brasil, ao longo dos anos, este importante serviço se caracterizou pela preferência àquelas dinâmicas mais exógenas e especializadas, assumindo especialmente o papel de difusão da *crença* na noção de progresso quando da defesa da modernização. Com relação à comparação das dinâmicas regionais da Rede Xique Xique, isso está refletido nos dados da pesquisa.

Quando questionados se tinham recebido assistência técnica no ano de 2010, os entrevistados dos dez núcleos responderam que obtiveram os valores mais expressivos, conforme tabela 6, com respostas positivas foram Tibau com 100%, Messias Targino e Baraúna com 88,9% e 87,5 dos casos, respectivamente. Por outro lado nos núcleos de Serra do Mel com 58,8%, Apodi e Governador Dix-Sept Rosado ocorreu menor desempenho com apenas 54,3% e 55,6%, respectivamente de negativas em relação à assistencia técnica.

Tabela 6 - Presença de assistência técnica no ano agrícola de 2010.

Município	%
Tibau	100
Messias Targino	89
Baraúna	87
Grossos	80
Janduís	77
São Miguel do Gostoso	76
Mossoró	73
Apodi	46
Gov. Dix Sept Rosado	44
Serra do Mel	41

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011. Elaboração dos autores.

Sugere-se neste estudo que a influência desenvolvimentista, de que a condição de estagnação de uma região não lhe daria inicialmente condições de competir, sendo necessária a intervenção do Estado para garantir a proteção necessária à reprodução do capital influenciou organizações e instituições no direcionamento de políticas regionais para modernizar a agricultura. E para justificar esta proteção, acreditava-se na capacidade do capital de fora (e não na capacidade coletiva dos atores no nível local) para gerar economias externas e desenvolver a região. Acreditando mais na capacidade do capital e no assalariamento, ao invés de políticas para construir a estrutura de produção e estimular a intensificação do trabalho familiar para desenvolver a agricultura, o aparato institucional estatal foi orientado para a difusão de outra *crença.* Na verdade, preferiu pelo caminho dos modelos exógenos, o que gerou descontinuidades, exclusão, e a instabilidade devido à falta de confiança e da capacidade de organização nas dinâmicas que escolheram esse caminho.

E já que no âmbito da Rede Xique Xique os agricultores familiares fizeram escolhas por outro caminho, de caráter mais tradicional e diversificado, políticas públicas mais recentes têm favorecido o surgimento de uma estrutura de produção econômica e de organização coletiva, com estratégias que insistem na melhor utilização dos recursos disponíveis. Essa estratégia tem possibilitado o afloramento de unidades de agregação de valor, ou seja, empreendimentos de pequeno porte que desenvolvem processamento a partir de cadeias produtivas, a exemplo da polpa de frutas, do mel de abelha, da castanha do caju, do artesanato, entre outros. Para isso, instrumentos legais de inserção nos mercados (inclusive o institucional) vão se tornando cada vez mais necessários e se configurando uma inovação em um ambiente que a cada dia se torna mais dinâmico.

Toda essa inovação representa um desafio a ser superado pela Rede Xique Xique, o que passa a exigir cada vez mais estruturas de organização coletiva para atender às exigências de um novo *modus operandi* que surge no âmbito da agricultura familiar. Como mostra a tabela 7, existe uma estrutura de organização coletiva da agricultura familiar já construída na Rede Xique Xique, das quais, pelas suas características produtivas, política e de gênero, três delas mais se destacam: associações de produtores, no sindicato dos trabalhadores e associação de mulheres.

Dessa forma, a Rede Xique Xique vai se *metamorfoseando* e se definindo cada vez mais como experiência baseada na ação coletiva de diversificação da agricultura familiar com enorme potencial. É esse tipo de participação que fortalece as suas formas de organização coletiva, utiliza os recursos disponíveis, constrói a estrutura de produção e define os graus de mercantilização e os

[10] Para Ploeg (2008, p. 45), o resultado desta estratégia implica em um constante acréscimo na produção, devido a um maior rendimento por objeto de trabalho. Do ponto de vista técnico, esse rendimento aumenta com o uso crescente de insumos e fatores de produção por objeto de trabalho, ou eficiência técnica melhorada. Neste sentido, a "chave para rendimentos crescentes é a quantidade e a qualidade de trabalho".

diferentes *estilos de agricultura* de cada núcleo no nível local e regional, tecendo seus próprios mecanismos sociais de regulação. Estes mecanismos são essenciais para decidir com certa autonomia as alterações de normas e regras a favor da localidade, ou do núcleo, e para resistir a interferências negativas externas que porventura venham ameaçar o equilíbrio das instituições locais, a exemplo da tradição, do padrão técnico, da cooperação e da confiança. São essas as características de organização coletiva da Rede Xique Xique que necessita ser mais bem utilizada para construir mercados e aproveitar cada vez melhor seus recursos e suas potencialidades.

Tabela 7 - Participação econômica e social da família na comunidade local e no município (%)*.

	Total	APD	BRN	GDSR	JDS	MTG	MRO	SML	SMG	TBU	GRS
Associação de produtores	88,21	90,86	37,50	100,00	100,00	100,00	72,73	76,47	95,24	71,43	80,00
Cooperativas	42,14	50,86	0,00	33,33	76,92	11,11	36,36	29,41	4,76	71,43	0,00
Sindicato de Trabalhadores	79,64	89,71	75,00	66,67	76,92	88,89	54,55	41,18	85,71	57,14	10,00
Associação de Mulheres	82,50	88,00	100,00	77,78	53,85	22,22	81,82	88,24	80,95	57,14	80,00
Associação religiosa	46,79	50,86	25,00	33,33	53,85	55,56	36,36	70,59	28,57	0,00	30,00
Clube ligado ao lazer	12,86	13,71	12,50	11,11	0,00	11,11	18,18	23,53	14,29	0,00	0,00
Comissão de mulheres	36,07	41,14	50,00	22,22	30,77	11,11	27,27	29,41	28,57	14,29	30,00
Outros	4,29	2,86	0,00	0,00	23,07	11,11	18,18	0,00	0,00	0,00	10,00

Fonte: Pesquisa de campo, 2012. Elaborado pelos autores. * não soma 100%

Atores, a exemplo dos agricultores familiares da Rede Xique Xique, desejam se inserir em mercados fundamentados em oportunidades econômicas e bem apoiados por elementos do ambiente institucional que lhes deem o máximo de segurança e de certeza, geralmente adotando escolhas construídas por meio de percepções subjetivas que propiciam uma representação cada vez mais aproximada da realidade. Tais percepções, como visto durante todo o desenrolar da pesquisa, são elaborados partindo de estruturas dadas que se alteram à medida que são confrontadas com a experiência em práticas diárias e com o aprendizado. Assim, do pondo de vista institucional o agricultor familiar escolhe *fazer* preferindo intensificar mais o trabalho familiar e seu conhecimento natural adquirido por gerações, ou *comprar* tecnologias externas e conhecimento científico determinando uma diversificação através de graus de mercantilização em diferentes estilos de agricultura.

E são essas escolhas que, nos núcleos da Rede Xique Xique, geram dinâmicas regionais por meio de processos de diferenciação do desenvolvimento rural que definem padrões, constituindo os graus variados de modernização (ou de mercantilização), fazendo com que os agricultores familiares reorganizem e formatem o espaço rural, modelem a agricultura e preservem a diversidade regional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário enfatizar que este artigo objetivou analisar do ponto de vista da perspectiva institucional e de forma comparativa, as formas de utilização de recursos disponíveis por parte dos agricultores familiares em dez núcleos da Rede Xique Xique, no Rio Grande do Norte. A partir do uso da definição de mercantilização e dos estilos de agricultura para explicar as escolhas dos agricultores familiares de cada dinâmica regional, a perspectiva institucional revelou-se adequada para interpretar e explicar a diversificação do desenvolvimento rural a partir das formas de utilização dos recursos disponíveis, além dos caminhos trilhados pelos agricultores: ou com a aproximação do mercado pela modernização, ou com o afastamento do mercado pela diversificação.

Constatou-se, portanto, que as dinâmicas regionais constituídas pelos núcleos da Rede Xique Xique definiram, em seu conjunto, padrões a partir de uma estrutura de produção formada por construções, benfeitorias, máquinas e equipamentos tradicionais e de baixo custo. Dessa forma, os agricultores familiares se caracterizam por escolher mais o caminho contrário da modernização, de *comprar* e utilizar mais recursos de fora, decidindo pela escolha de *fazer* mais internamente e definindo, portanto, padrões de desenvolvimento rural com reduzidos graus de mercantilização em estilos de agricultura mais diversificados e sustentáveis. Dessa forma constata-se que essa baixa dependência se traduz em menor vulnerabilidade a fatores e influência externos. Por outro lado, percebe-se a necessidade de ampliação de mecanismos importantes e indispensáveis para o bom desempenho dos recursos e da estrutura de produção da Rede Xique Xique, a exemplo da combinação entre o crédito, a tecnologia e os

serviços de acompanhamento técnico. Além dessa combinação, a organização coletiva passa a se tornar indispensável para viabilizar essa combinação e inserir os agricultores familiares em mercados cada vez mais competitivos.

Concluindo, a análise da pesquisa constatou que independente do caminho ou dos resultados alcançados a partir das escolhas dos agricultores familiares quanto à utilização dos recursos, tem surgido um novo e diferente sentido de ruralidade numa região ainda carente de experiências exitosas de desenvolvimento, a exemplo da região Nordeste do Brasil. Essa afirmação vem destacar como os agricultores familiares, a partir de um novo *modus operandi,* a exemplo da experiência da Rede Xique Xique, passam a desafiar dificuldades e a elaborar estratégias para superá-las, por meio da sua capacidade coletiva tão desconsiderada pelos defensores da modernização. Com isso, a experiência da Rede Xique Xique vem expressar a identidade e os traços característicos da agricultura familiar que, mesmo não alcançando as políticas do Estado da forma desejada, nem realizando e praticando formas de organização coletiva tão desenvolvidas, se mantêm ligados ao meio rural e a agricultura fazendo da sua atividade a "arte da localidade", a sua "arte da agricultura".

AGRADECIMENTO

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de auxílio financeiro através do edital MCT/CNPq/MDA/SAF/Dater 033/2009.

REFERÊNCIAS

BUTTEL, F. H. **Agricultural change, rural society and state in the late twentieth century***:* some theoretical observations. Editores David Synres and Anton J. Jansen. Wageningen: Agricultural University Netherlands, 1994.

CHAYANOV, Alexander. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

COASE, R. H. The nature of the firm. **Economica**, v. 4, n. 16, p. 386–405, 1937.

EATON, D. & G. MEIJERINK. 2007. **Markets, institutional change and the new agenda for agriculture**. Markets, Chains and Sustainable Development Srategy and Pocy Paper, no. 4. Stichting DLO: Wageningen. Available at: <http://www.boci.wur.nl/UK/Publications/>

FRANÇA, Andreya Raquel Medeiros de. **Agroecologia, agricultura familiar e economia solidária**: uma associação para a diversificação e sustentabilidade da Rede Xique Xique. Rio Grande do Norte, 66f. Monografia em Gestão Ambiental. UERN, Mossoró/RN, 2013.

LONG N. and van der PLOEG J. D. (1989) Demythologizing planned intervention: an actor perspective. **Sociologia Ruralis** XXIX (3/4).

LONG N., van der PLOEG J. D., CURTIN C. and BOX L. (1986) **The commoditization debate: labour process, strategy and social network**. Wageningen, Agricultural University.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 7 ed. São Paulo: Scipione, 2010.

MARSDEN, T. Beyond Agriculture? Regulating the new rural spaces. **Journal of Rural Studies**, London, v. 11, n. 03, p. 285-296, 1995;

MARSDEN, T. K. (1991) 'Theoretical issues in the continuity of petty commodity prodiction'. In: S. Whatmore, P. Lowe and T Marsden (eds) **Rural Enterprise:** Shifting Perspectives on Small-Scale Production, David Fulton Publishers, London, UK.

MARSDEN, T. New Rural Territories: regulating the differential rural spaces. **Journal of Rural Studies**, v. 14, n. 1, p. 107-117, 1998.

MARSDEN, T. **The condition of rural sustainability**. The Netherlands, Van Gorcun, 2003.

NUNES, E. M.; GODEIRO, K. F.; GONDIM, M. F. R. et. al.. **A agroecologia e a Economia Solidária da Rede Xique Xique**. 1 ed., Mossoró: UERN, v. 1, p. 37, 2012

NUNES, Emanoel Márcio & SCHNEIDER, Sergio. Economia Agrícola, Instituições e Desenvolvimento Rural: uma análise comparativa da diversificação econômica do Pólo Assu-Mossoró (RN). **Revista Econômica do Nordeste**, v. 43, p. 561-584, 2012.

PLOEG J. D. **The New Pensantries**: struggles for autonomy and sustainability in an era of empire and globalization. Earthscan, Sterling VA, London, 2008.

PLOEG J.D. van der. and RENTING, H. **Impact and potential**: a comparative review of European rural development practices. Sociologia Ruralis, Netherlands, 2000.

PLOEG J.D. van der. **Labor, Markets and Agricultural Production**. Boulder, San Francisco & Oxford, Westiview Press, 1990;

PLOEG, J. D. Revitalizing Agriculture: farming economically as starting ground for rural development. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p. 497-511, 2000

PLOEG, J. D. van der.; LONG, Ann. (eds.) **Born From Within**: practice and perspectives of endogenous rural development. Netherlands, Assen, Van Gorcum, 1994.

PLOEG, J.D. & SACCOMANDI, V. On impact of endogenous development in agriculture. In: van der PLOEG, J.D. & van DIJK,G. (eds.) 1995 **Beyond modernization**. The impact of endogenous development. Assen: Van Gorcum, 1995.

PLOEG, J.D. van der. Styles of farming: an introductory note on concepts and methodology. In: PLOEG, J.D.V. e LONG, N. **Born from within***:* practices and perspectives of endogenous rural development. The Netherlands, Van Gorcun, 1994.

PLOEG, J.D. van der.; VAN DIJK, G. (eds.) **Beyond modernization**: the impact of endogenous rural development. Netherlands, Assen, Van Gorcum, 1995.

SACCO DOS ANJOS, F.; SCHNEIDER, S. Agricultura familiar, desenvolvimento local e pluriatividade no Rio Grande do Sul: a emergência de uma nova ruralidade (AFDLP). Pelotas, 2003. Relatório Final-Projeto de pesquisa CNPq-UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR).

SACCOMANDI, V. **Agricultural Market Economics**: a neo-institutional analysis of the exchange, circulation and distribuition of agricultural products. Netherlands, Assen, Van Gorcum, 1998.

SACCOMANDI, V. Neo-Institutionalism and the Agrarian Economy. In: PLOEG, J.D. van der.; VAN DIJK, G. (eds.) **Beyond modernization**: the impact of endogenous rural development. Netherlands, Assen, Van Gorcum, 1995.